

Vidas que narram, vidas que resistem: itinerários de experiência e produção de cuidado

Hertha Monteiro da Silva

Orientador: Me. Samuel Monteiro Bezerra

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21138149>

Resumo: Este relato de experiência apresenta uma pesquisa construída a partir da metodologia sócio-poética, orientada por uma perspectiva decolonial, desenvolvida com Chicão, trabalhador gari e contador de histórias, reconhecido como coautor do processo investigativo. A experiência evidencia como narrativas populares constituem dispositivos de cuidado, participação social, produção de autonomia e criação de outras lógicas de existir. Ao integrar integralmente a história “Compadre Chicão e o Riozão Danado” à reflexão, o texto afirma que saberes cotidianos, trabalho urbano, oralidade, circularidade e movimento são formas legítimas de produção de vida.

Palavras-chave: Relato de Experiência. Decolonialidade. Cuidado. Narrativa. Circularidade.

Introdução

Este trabalho nasce do encontro com Chicão — gari, contador de histórias e trabalhador do território urbano. Narrar sua trajetória não significa transformá-lo em objeto de estudo, mas escrever com ele, reconhecendo sua experiência como produtora de conhecimento.

Ao assumir uma perspectiva decolonial, desloca-se o olhar sobre o cuidado. A modernidade instituiu hierarquias que organizaram não apenas relações econômicas e políticas, mas também classificações epistemológicas que definiram quais saberes seriam reconhecidos como legítimos (Quijano, 2005). Nesse contexto, saberes cotidianos e populares foram frequentemente inferiorizados.

Este texto propõe tensionar essa lógica ao reconhecer a narrativa como campo de produção de conhecimento. A história “Compadre Chicão e o Riozão Danado” não aparece como ilustração, mas como núcleo analítico e experiência viva de pensamento.

Caminho metodológico

A pesquisa fundamenta-se na sócio-poética, proposta metodológica desenvolvida por Jacques Gauthier, que compreende o conhecimento como construção coletiva, sensível e implicada (Gauthier, 1999). Nessa abordagem, corpo, memória e imaginação são reconhecidos como dimensões constitutivas da produção científica.

A sócio-poética rompe com a separação rígida entre pesquisador e pesquisado, propondo a coautoria como gesto ético. Assim, Chicão não é fonte de dados, mas sujeito participante da elaboração reflexiva.

Tal posicionamento dialoga com a crítica à colonialidade do poder, segundo a qual a modernidade estruturou hierarquias que subalternizaram determinados sujeitos e saberes (Quijano, 2005). Reconhecer a narrativa como conhecimento implica enfrentar essas hierarquias.

Os encontros foram conduzidos sem roteiro fechado. A escuta orientou o processo. O tempo da pesquisa acompanhou o tempo da fala, configurando uma prática em movimento, próxima à lógica da ciranda.

A história como corpo do texto

Compadre chicão e o riozão danado

Era uma vez um homem muito corajoso chamado Compadre Chicão. Um dia, ele decidiu visitar sua querida avó, que morava lá no interiorzão, bem longe dali. Para chegar à casa dela, precisava:

- pegar dois ônibus;
- depois uma carroça;
- andar mais um pouco;
- atravessar um riachinho cheio de pedrinhas. Era fácil. Bastava pular de pedra em pedra:

— Pula aqui, pula ali, pulou... pronto!

Entretanto, naquele dia havia chovido tanto que o riachinho virou um riozão enorme. Era tanta água que parecia que ia daqui até o Japão — exagero de contador de história, mas era grande mesmo. Compadre Chicão ficou preocupado:

— E agora? Como vou atravessar?

Não havia ponte. Não havia barco. Não havia corda.

Quase desistindo, ouviu:

— Psiuuuu!

Surgiu um jacaré:

— Amigo é pra acudir amigo! Suba nas minhas costas que eu levo você! Antes que decidisse, apareceu uma onça:

— Não vá com o jacaré! Ele vai te devorar no meio do rio! Me siga pela gruta! Logo depois, uma cobra:

— Não vá não! A onça pega pelas costas! Suba na árvore e atravesse! Jacaré, onça e cobra disputavam o caminho.

Compadre Chicão perguntou:

— Dona Cobra... a senhora não vai me devorar também, né?

— Pode vir... pode vir...

De repente:

NHAC!

A cobra tentou dar o bote.

Chicão, ligeiro, deu um pulo, segurou firme no rabo da cobra e, gritando como Tarzan, atravessou o rio balançando até o outro lado. E lá estava a vovó esperando com cuscuz e café.

Quem gostou bate palma.

Quem não gostou... bate palma também.

Circularidade e outras lógicas de existir

A narrativa apresenta estrutura não linear. O chamado “psiuuu” repete-se, interrompe decisões e impede a consolidação de um único caminho. Essa dinâmica rompe com a racionalidade moderna baseada em progressão contínua e universalizante (Quijano, 2005).

A circularidade manifesta-se na repetição, na interrupção e no retorno. Cada novo personagem questiona a escolha anterior. O sentido não se fixa; movimenta-se.

A sócio-poética sustenta que o conhecimento pode emergir da criação compartilhada e da experiência estética (Gauthier, 1999). A contação da história, ao envolver quem escuta, transforma-se em roda. O narrador pergunta, o público responde, a história gira.

A travessia final também ocorre em movimento pendular: Chicão não

atravessa o rio de forma linear, mas balançando. A solução nasce da invenção.

Trabalho, narrativa e produção de vida

No cotidiano, Chicão percorre a cidade com sua vassoura. O gesto de varrer é circular, repetido, contínuo. Seu trabalho, embora frequentemente invisibilizado, sustenta a vida coletiva.

A desvalorização histórica de determinados trabalhos relaciona-se às classificações produzidas pela colonialidade do poder (Quijano, 2005). Reconhecer o trabalho de Chicão como produção de vida significa enfrentar tais hierarquias.

Ao mesmo tempo, a narrativa produz cuidado simbólico. Na perspectiva freiriana, este cuidado simbólico pode ser entendido como a atenção às dimensões subjetivas, culturais e identitárias dos sujeitos, reconhecendo que educar e produzir cultura não é apenas transmitir conteúdos à agentes passivos, mas produzir sentidos, acolher experiências e valorizar saberes.

Paulo Freire (1996) indica que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e uma postura ética fundamentada na amorosidade. Esse conceito é central para entender o cuidado simbólico: trata-se de uma atitude que reconhece o outro como sujeito de saber, evitando práticas opressoras ou desumanizantes.

Esse respeito não é apenas cognitivo, mas também simbólico — envolve reconhecer valores, crenças, linguagens e formas de expressão que fazem parte da identidade do outro. Por isso, a narrativa de Chicão também expressa a capacidade de seu trabalho educar e produzir vida, a partir do seu lugar e de todas as suas formações não acadêmicas, inclusive.

Trata-se de um sujeito de saber, pois a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Isso indica que o sujeito interpreta e significa sua realidade, o que é um aspecto essencial do cuidado simbólico (Freire, 1982).

É necessário valorizar a cultura popular e os saberes cotidianos, acolhendo e ressignificando símbolos, em vez de impor um modelo cultural dominante. Trata-se de uma postura ética e pedagógica, no horizonte de uma prática de trabalho humanizadora e libertadora (Freire, 1982).

Ao convocar a participação — “Quem gostou bate palma!” — instaura-se lógica inclusiva. A roda incorpora todos. Narrar, assim, torna-se gesto de afirmação existencial e produção de sentido. Narrar é manter a roda girando. Vidas que narram

são vidas que resistem.

Considerações finais

A história “Compadre Chicão e o Riozão Danado” revela que o cuidado pode ser compreendido como travessia inventiva.

O rio representa o imprevisível.

Os animais representam disputas de caminho. A repetição revela circularidade.

A travessia expressa autonomia criativa.

Ao integrar narrativa popular e reflexão acadêmica, o texto desloca fronteiras epistemológicas e reconhece o saber cotidiano como forma legítima de produção de conhecimento, em consonância com a crítica à colonialidade (Quijano, 2005) e com a proposta metodológica participativa da sócio-poética (Gauthier, 1999).

Referências

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GAUTHIER, Jacques. **A sócio-poética**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.